



<http://dx.doi.org/10.15448/0103-314X.2023.1.44231>

SEÇÃO: ARTIGOS LIVRES

Identidade, missão e profissionalização do teólogo católico: desafios e perspectivas

Identity, mission and professionalization of the Catholic theologian: challenges and perspectives

Antonio Marcos Chagas¹

orcid.org/0000-0001-8425-0338
pemarcos@unicatolicaquixada.edu.br

Recebido em: 12 jan. 2023.

Aprovado em: 2 mar. 2023.

Publicado em: 8 maio. 2023.

Resumo: O teólogo, homem ou mulher, membro da Igreja Católica, é o investigador da verdade revelada na fé professada pela Comunidade Eclesial. Em torno desta identidade este artigo desenvolverá a compreensão de uma missão focada em pesquisar e produzir conhecimento divulgando-o por meio da produção científica. Em colaboração com o Magistério da Igreja, o teólogo tem sua liberdade de pesquisa, sempre na fidelidade à fé católica. Dentre as competências requeridas ao teólogo, está a sua capacidade de fazer as conexões entre a fé e a realidade, na perspectiva de uma compreensão mais acurada dos sinais dos tempos, a serem percebidos e discernidos. A profissionalização do teólogo tem suas potencialidades, mas é uma temática controversa em função das exigências do mercado de trabalho, marcado pela ótica da utilidade e da lucratividade. Neste âmbito, os leigos se deparam com empecilhos consideráveis em viver este ministério na Igreja e na sociedade, em função mesmo da sustentabilidade pessoal e familiar.

Palavras-chave: teólogo; teologia; missão; profissionalização.

Abstract: The theologian, man or woman, member of the Catholic Church, is the investigator of the truth revealed in the faith professed by the Ecclesial Community. Around this identity, this article will develop the understanding of a mission focused on researching and producing knowledge by disseminating it through scientific production. In collaboration with the Magisterium of the Church, the theologian has his freedom of research, always in fidelity to the Catholic faith. Among the competences required of the theologian is his ability to make connections between faith and reality, in the perspective of a more accurate understanding of the signs of the times, to be perceived and discerned. The professionalization of the theologian has its potential, but it is a controversial topic due to the demands of the labor market, marked by the perspective of utility and profitability. In this context, the laity are faced with considerable obstacles in living this ministry in the Church and in society, due even to personal and family sustainability.

Keywords: theologian; theology; mission; professionalization.

Introdução

A riqueza de conteúdo da ciência teológica requer quem perscrute os mistérios que ela investiga e use com maestria dos meios para tal, com densa espiritualidade e profissional competência. O teologizar é, por antonomásia, tarefa do teólogo. Compreender a missão deste profissional-missionário, chamado a exercer seu labor e viver este ministério a serviço da verdade com fidelidade, é algo que impõe a este artigo uma análise criteriosa.



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

¹ Centro Universitário Católica (Unicatólica), Quixadá, CE, Brasil.

O presente artigo buscará fazer uma análise sobre a identidade, missão e profissionalização do teólogo. Sobre a identidade, analisar-se-á o ser deste estudioso de uma fé específica que a ela aderiu e, por conseguinte é membro ativo de uma comunidade eclesial. Esta fé, embasada em uma doutrina e em códigos éticos, é objeto de sua pesquisa e, também, sua identidade é construída em base a esses elementos essenciais do seu credo. Por muito tempo, o estudo da teologia era uma exclusividade dos clérigos. Após o Concílio Vaticano II, os leigos, homens e mulheres, bem lentamente, passaram a ter a possibilidade de abraçar esta identidade para o serviço do povo de Deus.

Sobre a missão, será analisada seu papel na Igreja, que é o de oferecer para os fiéis os resultados, sempre provisórios e limitados, de sua reflexão com suas intuições e compreensões, de suas pesquisas. Esses estudiosos da Palavra de Deus, da revelação, do patrimônio doutrinal e dos costumes, existiram desde os primórdios do cristianismo. Nessa capacidade de intuir linhas de reflexão, requer-se dentre as competências do teólogo, a originalidade que vem da inteligência da fé.

Por fim, a profissão do teólogo constitui-se um tema que porta consigo possibilidades concretas de um serviço à Igreja, assim como à sociedade. Este artigo abordará também algumas questões candentes referentes à profissionalização do teólogo leigo ou leiga, mormente em função das dificuldades e limites de uma inserção no mercado de trabalho.

O método usado será o de revisão bibliográfica. Por delimitação do tema, a figura de teólogo, que será objeto do presente estudo, é um católico ativo, engajado na vida da Igreja, um perito na ciência teológica e que pode contribuir significativa e substancialmente no pensar de forma embasada a revelação divina e suas repercussões para o povo de Deus, chamado a viver a aliança com Aquele que os chamou. As fontes usadas são obras de teólogos, como também as orientações do Magistério da Igreja.

É o que se verá a seguir.

1 A identidade

O teólogo, leigo, religioso ou clérigo, homem ou mulher, é o cristão-católico batizado, católico que, devidamente preparado pelo estudo da ciência teológica, se lança na investigação criteriosa e perseverante do dado revelado, crido pela Igreja. Como filho da Igreja, membro do povo de Deus, o teólogo se dispõe a trilhar, em uma autêntica inserção eclesial, a busca inteligente da verdade, bem como sua contemplação, humilde e amorosa. Em função da própria natureza da teologia que segue uma fé específica, o teólogo é necessariamente um crente, no caso um católico, capaz de falar sobre a própria fé, elaborando uma reflexão amadurecida que constrói as conexões com a realidade.

Em tempos pretéritos, os teólogos eram tão somente clérigos, mas o Concílio abriu essa possibilidade aos leigos: "É de se desejar que muitos leigos consigam uma conveniente formação das ciências sagradas e não poucos entre eles, havendo oportunidade, dediquem-se *ex-professo* a estes estudos e os aprofundem" (GS 62). Hoje, a afluência de pesquisadores da ciência teológica, além dos clérigos, também de religiosos e religiosas, leigos e leigas, é um ganho significativo e um avanço notável. O que constitui a especificidade do teólogo é exatamente o assumir-se como mestre qualificado, algo que diz respeito não só aos que, em função do múnus pastoral e dos ministérios ordenados, lidam com a ciência teológica, mas que envolve "os habilitados a servir a verdade pela capacidade intelectual e competência científica sobre as fontes cristãs" (WICKS, 2004, p. 89). São João Paulo II afirma que o teólogo deverá procurar a verdade profunda e genuína transmitida pelos textos, considerando os limites da linguagem (FR 94). Essa visão de mundo que marcou os autores bíblicos seguramente conterà roupagens humanas de simples opiniões ou reflexões de indivíduos, ainda que contenham os segredos de Deus. Tal invólucro cultural permite que as palavras sejam transmissíveis e passíveis de acolhimento pela vontade e inteligência humanas. "Se assim não fosse, a palavra de Deus, que é sempre palavra divina em

linguagem humana, não seria capaz de exprimir nada sobre Deus" (FR 84). Bem acertadamente afirma certo biblista:

Deus fala também no meio da existência de cada um e através dos grandes eventos da história contemporânea, desde que saibamos ler a vida e a história com os critérios que a história da salvação, profeticamente interpretada na Bíblia, nos oferece (MANUCCI, 1985, p. 61).

Já nos albores da Igreja, existia a realidade dos doutores enquanto ministério. Urbano Zilles (2008) comenta que já havia na comunidade eclesial um conhecimento da trilogia apóstolos, profetas e doutores, conforme documenta o apóstolo Paulo (1Cor 12,29; Ef 4,11), onde profetas e doutores eram itinerantes, de modo que o ensino era um carisma próprio, mediante a pregação, a educação, os aprofundamentos doutrinários e éticos. Wicks (2004, p. 86) argumenta: "Em sua melhor forma, a teologia é uma percepção e expressão renovada da palavra de Deus na Igreja, para o enriquecimento dos pastores e do povo de determinada região cultural, na visão de fé e na santidade de vida". Esse ministério não deve se confundir com a configuração dada aos doutores e mestres, titulações acadêmicas surgidas no medievo, de modo que, como argumenta Libanio e Murad (2014, p. 65), "não é a cultura acadêmica o critério do carisma, mas a experiência teológica, espiritual, que permite à comunidade considerar as pessoas com outro olhar". Com efeito, o apóstolo das gentes (1Cor 1,26-27) lembra aos coríntios que, entre eles, não há sábios e poderosos "segundo a carne", mas, trata-se da compreensão de sabedoria e poder, segundo Deus, a qual porta um sentido diferente daquele humano. Schmaus (1978, p. 185) informa:

Na antiga Igreja havia identidade vasta entre os detentores do magistério e os teólogos. Nem os teólogos nem a Igreja universal têm pretensões à função do magistério. Mas há uma necessária e mútua coordenação. Pois o magistério se apoia sobre a unissona doutrina dos padres, dos teólogos e na fé de todo o povo de Deus.

O teólogo exerce o seu ministério também hoje oferecendo à Igreja sua produção teológica de

forma personalizada, pois a reflexão, por ele produzida, reflete sua sensibilidade, visão de mundo associada à cultura, intuições e suas compreensões. Assim, é seu mister colher os impactos da Palavra de Deus na realidade e os apelos desta realidade que solicita as luzes da Palavra de Deus. Tudo isso constitui algo que lhe é muito próprio. Ele o faz não enquanto um ente solitário, mas sob o alicerce comunitário, partilhando na comunhão os frutos de suas pesquisas e reflexões, pois seu ministério é exercido na Igreja e para ela, como um todo coeso. A Igreja precisa dele e ele precisa da Igreja em uma reciprocidade necessária e potencialmente fecunda. De bom alvitre é também uma mútua colaboração entre os teólogos com escopo de animar e inspirar entre si, todos quantos se dedicam a este tipo de trabalho na "vinha do Senhor". "Ninguém está em melhores condições de ajudar os teólogos católicos no esforço de oferecer o melhor serviço possível, de acordo com as verdadeiras características de sua disciplina, do que outros teólogos católicos" (IVT, n. 45).

A espiritualidade, na qual o teólogo vive, provém da própria palavra de Deus, cujo fruto é uma vida segundo o Espírito de Deus. Philip Sheldrake (2005, p. 15) argumenta: "Uma teologia viva está sempre fundamentada na vivência espiritual. Se quisermos completa, a teologia precisa ser vivida exatamente tanto quanto precisa ser estudada e explicada". A partir do seu discipulado para com a pessoa de Jesus Cristo, o teólogo vive seu apostolado, no transbordamento não só de um sólido conhecimento, mas, sobretudo, de uma fé haurida de uma relação pessoal com Deus, por meio de uma configuração a Cristo, especialmente no seu múnus de ensinar. "Antes de ser 'mestra', a Igreja é 'discípula'; antes de anunciar a palavra de Deus a Igreja se coloca em 'religiosa escuta' da mesma; antes de 'comunicar a vida', a Igreja a 'recebe'" (MANUCCI, 1985, p. 34).

Ao exemplificar o processo de cristificação de fiel, Ratzinger se reporta à vida de São Paulo, teólogo e apóstolo dos gentios. Na Carta aos Gálatas, o apóstolo é marcado por uma "revolucionária experiência pessoal e como realidade objetiva

descreve o que distingue o cristão" (RATZINGER, 2008, p. 43). E a descrição de tal distinção ou elemento característico está na frase: "Já não sou que vivo, mas é Cristo que vive em mim" (Gl 2,20), a qual é interpretada pelo Papa teólogo em uma frase: "Tornar-se cristão e permanecer cristão tem a conversão como fundamento" (RATZINGER, 2008, p. 43), a qual, no sentido paulino, constitui um processo de morte cuja consistência está no fato de que o "eu", ao deixar de ser sujeito autônomo, que subsiste em si mesmo "é arrancado de si próprio e introduzido em um novo sujeito" (RATZINGER, 2008, p. 43).

A configuração profunda constitui-se em uma identificação radical. Entretanto, tal identificação não significa fusão ou confusão de identidades: "Não que o eu simplesmente desapareça, mas de fato ele tem que deixar-se cair inteiramente, para em seguida ser concebido novamente num eu maior, e junto com este" (RATZINGER, 2008, p. 44). Todo ministério do teólogo encontra nesta cristificação toda a sua razão de ser e do seu fazer. A espiritualidade do teólogo, no seguimento de Jesus Cristo, é, por conseguinte, um seguimento da Verdade que é a própria pessoa Verbo encarnado de Deus. Investigador da verdade, por ser discípulo da Verdade, eis a identidade de quem porta no seu íntimo as disposições interiores de quem se assume, no profundo de sua essência e existência, como humilde servidor e jamais um proprietário ou arbitrário usurpador dessa mesma verdade.

Essa sensibilidade, inerente ao estudo da Ciência Sagrada, à luz da Palavra de Deus, constitui-se num discipulado constante da "pedagogia do 'ver de dentro' os fatos, amando e estudando os fatos" (MANUCCI, 1985, p. 51), do jeito simples e profundo de Maria, Mãe de Jesus, que "conservava isso e meditava tudo em seu íntimo" (Lc 2,19.51).

2 A missão

A excelência do trabalho teológico é a produção científica, através de projetos de pesquisa e publicações enquanto meios excelentes e necessários para que esta "lâmpada" não fique escondida debaixo do alqueire, mas no cande-

labro para iluminar todos quantos estão na casa (Mt 5,15). De igual modo, o teólogo partilhado seus conhecimentos enriqueça o povo de Deus, sempre na perspectiva de glorificar a Deus (Mt 5,16). As publicações se inserem nessa dinâmica missionária, obviamente no cuidado do que se entende por autêntica produção teológica, a qual

[...] constitui uma ação sujeita à processualidade, rica no seu dinamismo, rigorosa no seu controle perspectivando adequada fundamentação. No bojo de tal assertiva, ocorre frisar que a Teologia não se remete a uma abstração vaga, mas ao mistério revelado que toca a realidade e com ela interage de forma significativa e fecunda (CHAGAS, 2016, p. 231).

Seguindo o método teológico (fontes atendeíveis, reflexão coerente e clara, com a devida documentação, fidelidade ao estatuto epistemológico da teologia, linguagem técnica no respeito à língua culta), o teólogo tem a missão de descobrir os novos significados oferecidos pela Palavra de Deus dentro dos significados tradicionais que eram próprios das gerações passadas. Este se vê na necessidade e no dever de se lançar nesta pesquisa. Utilizando-se do conhecimento próprio do seu tempo, possui à sua disposição, de modo apropriado e plausível, meios para responder aos problemas relacionados ao impacto da fé com a cultura ambiente, ou como afirma Zilles (2008), o teólogo é um hermeneuta das experiências feitas pela pessoa humana, guiado pela fé em Deus em seu esforço intelectual, de modo a alargar os horizontes de compreensão da existência humana, não redutivos ao racional imanente. É próprio dele a liberdade de pesquisa, mas na liberdade de acolher a verdade, evitando elementos estranhos ao método correspondente ao objeto de estudo (IVT 12). Ocorre também que o teólogo

[...] ao mesmo tempo que aprofunda o conhecimento da verdade revelada não negligencie o contato com o próprio tempo, para que possa fornecer um conhecimento mais completo da fé aos homens preparados nos diversos ramos do saber (GS 12).

Algumas virtudes devem fazer parte do ser e do fazer do pesquisador da Ciência de Deus. Dentre elas, a fortaleza para vencer os obstáculos

na pesquisa e as fadigas do estudo, em dirimir questões que se levantam. Também há que haver a sabedoria que, além da competência intelectual em termos de bom patrimônio teológico pessoal, tenha também as competências metodológicas. Destaque-se que essa sabedoria é haurida do mistério da cruz que desabrocha em ressurreição. Outra qualidade que não pode faltar a quem se põe a inquirir sobre a verdade revelada é a humildade, mormente para reconhecer "a provisoriidade intrínseca de seus esforços" (CTI, 47). Ademais, todo estudioso da divina revelação não pode perder de vista que o Deus Pai revela seus segredos aos pequenos e humildes e os esconde aos "doutores" e "prudentes" (Lc 10,21). Bruno Forte (1991) fala da teologia como

[...] palavra certamente provisória, caminho começado e não certamente concluído, a teologia desde o avesso da história é pensamento jovem, que terá tanto a maior força e significado quanto mais souber permanecer tal, refletindo a incompletude e a abertura da vida real" (FORTE, 1991, p. 34).

Por conseguinte, há que se fazer um discernimento sempre muito atento, a fim de que um olhar interior gere no pesquisador dos mistérios da fé uma atenta tomada de consciência da origem e das motivações da crítica.

Enquanto cientista, o teólogo é um estudioso que não pode prescindir do senso crítico, ou seja, do saber distinguir, separar, tendo em vista compreender melhor. A palavra *crítica* não se reduz ao argumentar de forma virulenta ou em uma oposição sistêmica ao ponto de quebrar a unidade, com polêmicas inúteis e até nocivas. O teólogo é chamado a tomar consciência de que "a exigência crítica não se identifica com o espírito crítico, que nasce, pelo contrário de motivações de caráter afetivo ou de preconceito" (IVT 12). Toda essa criticidade vem da ação do Espírito, o qual lhe permite distinguir todas as coisas; sem perder a coragem de garimpar, seu critério haverá de ser o que ensina Paulo, o apóstolo: "Discerni tudo e ficai com o que é bom" (1Ts 5,21). Será um alguém que manterá o foco no "frutificar", pois como diz o Senhor, "pelos frutos conhecereis a árvore" (Mt 12,33).

Zilles (2008) atesta que a competência teológica exige não somente a devida familiaridade com a "sacra doutrina", mas é de grande importância a fidelidade no estudo da Teologia. Marcado pela competência teológica referente ao conhecimento adequado dos testemunhos históricos de fé da Sagrada Escritura e da Tradição, o conhecimento do contexto histórico da época, os idiomas locais, no seu aspecto estrutural, e o pensamento dos autores sagrados. Ademais, uma visão global das várias disciplinas se faz necessária.

A competência do teólogo exigirá, além da especialização, uma atualização constante, mediante a leitura, o estudo comparado, a pesquisa, de modo que adquira um bom conhecimento teológico; suas fontes para tal atualização são as publicações relacionadas à exegese bíblica, à Teologia sistemática, moral, reflexões pastorais, assim como das publicações advindas do Magistério da Igreja. Essa atualização está ligada à imagem do operário do Reino, o qual é "escriba instruído acerca do reino dos céus [que] é semelhante a um pai de família, que tira do seu tesouro coisas novas e velhas" (Mt 13,52). Do Antigo e Novo Testamento deverá se inteirar e sempre retomar as produções mais significativas do passado, mormente os Santos Padres. Cabe-lhe também produzir academicamente, ou através de síntese atenta e fiel a respeito do que outros produziram. Ademais, deve desenvolver habilidades no falar, na escrita, ter atitude no seu agir para oferecer caminhos para os cristãos do seu tempo e pistas para os vindouros, como também ter discernimento crítico para rejeitar projetos inexequíveis, além de diagnosticar e propor soluções plausíveis. Cabe-lhe, neste mesmo diapasão, tornar-se um intelectual atualizado em temas como a política, a economia, a cultura, a arte, algumas descobertas científicas interessantes, saber opinar com equilíbrio e bom senso sobre temas que envolvem opiniões, sem jamais negligenciar uma leitura de fé que percebe os sinais dos tempos e neles a condução de Deus.

Por fim, é preciso também que o teólogo esteja efetiva e afetivamente envolvido com atividades pastorais e as demandas concretas da vida das

peças. Bartoli (1996, p. 70-71) argumenta a respeito dessa necessidade:

Para tanto, é preciso que o teólogo saia de uma postura de puro pesquisador dedicado unicamente à elaboração dos considerandos para aceitar pensar a relação entre idealismo e realismo, realidade e utopia, o ideal e o possível. Essa tentativa será feita a partir de um ponto de referência que é a Palavra de Deus, sempre imperfeitamente realizada na nossa realidade, mas absoluta na sua exigência (de fazer o melhor possível).

É importante também que a sua produção teológica brote de uma significativa vivência pastoral. As mais variadas situações, com sua gama de possibilidades e limites, podem ser colhidos e acolhidas na experiência factual do teólogo enquanto intelectual da fé que opera na caridade. Da convivência com as pessoas, em suas experiências e existências, abrem-se horizontes precisos, capazes de iluminar tudo quando for pensado, refletido e escrito na quietude de um gabinete. A ausência desta experiência com a realidade das pessoas pode afetar a pesquisa, por deixá-la sem ferramentas para colher a razoabilidade do que se produz. Não é sem razão que tal imperativo de uma vivência pastoral se imponha. É sugestivo e oportuno recordar que os primeiros teólogos, que foram os Santos Padres da Igreja, produziram teologia também na densidade da própria ação pastoral, quando estes insígnies pastores alternavam a solidão da oração e da meditação com as experiências de estar com as pessoas, sobretudo alimentando-as com as reflexões sobre os grandes mistérios da fé.

Elemento de não somenos importância é que o teólogo tenha uma evangélica e sensata capacidade de visão inclusiva, ou seja, não tem sentido criar os "excluídos" das ações pastorais, sobretudo em nome dos pobres, ensejando uma espécie de "luta de classes". Todos são alvos desta ação evangelizadora e pastoral, ainda que os pobres gozem de uma legítima opção preferencial.

Além disso, sobretudo no caso do teólogo profissional ou aos que se dedicam à docência acadêmica, há que existir bom senso e equilíbrio

nessa dedicação pastoral, pois o pesquisador da ciência teológica deve dispor de tempo, ambiente, material (livros, revistas) e o devido apoio institucional para dedicar-se ao seu trabalho. A título de exemplo, não tem sentido um teólogo estar à frente de uma incumbência, pastoral ou burocrática, com uma carga tal de atividades e exigências, em uma multiplicidade de compromissos, ao ponto de não ter as condições para produzir academicamente como deve.

3 A profissionalização

Padres e seminaristas, religiosos e leigos visualizam de algum modo sua profissionalização ao cursar um bacharelado de Teologia. No caso dos clérigos e religiosos viverão dela pois os misteres acadêmicos, pastorais, espirituais, os inserem na premência de um conhecimento abalizado da fé. No caso dos leigos, por razões que serão abordadas a seguir, nem sempre isso é possível.

O contexto atual está a requerer novas competências e habilidades. Ocorre existir uma interação efetiva entre docentes e discentes com o escopo de incrementar os aspectos políticos das profissões, além de seu exercício. No Brasil, houve a tentativa de aprovar um Projeto de Lei,² de autoria do Deputado Federal Sr. Professor Victorio Galli, cuja finalidade era legalizar a profissionalidade do teólogo. Em 6 de setembro de 2018, o mencionado PL foi indeferido por não se enquadrar no campo temático da Comissão de Educação no inciso IX, do artigo 32 do Regimento Interno da Câmara dos Deputados. Em 31 de janeiro de 2019, o PL foi arquivado.

Essa tentativa merece o devido destaque em função da compreensão que a cidadania comporta iniciativas com intuito de banir o ostracismo que a Teologia recebeu no curso dos séculos, em função de visões equivocadas da sua identidade e do seu papel.

3.1 As diretrizes curriculares para a profissionalização dos teólogos

Márcio Fabri dos Anjos (1996) defende que o

² GALLI, V. Projeto de Lei 4293/2012.

momento social em que a vida acadêmica se insere fez com que a Teologia fosse enriquecida por uma substancialidade notável da bimilenar experiência da Igreja, enfim, madura por seus anos de vida consolidados. Chagas e Assunção (2021, p. 31) reiteram: "A formação teológica perspectiva ao teólogo assumir o próprio papel de inserção no mundo marcando-o pelos valores evangélicos".

O Ministério da Educação deu um direcionamento curricular para cursos de Teologia em todo o Brasil que definia a profissionalização como um elemento imprescindível, no bojo do momento "socioacadêmico" que contemplam competências e habilidades: "O curso de graduação em Teologia deverá possibilitar formação profissional" (BRASIL, 2016, § 8, art. 6).

As competências e habilidades específicas são: a) articular de forma interdisciplinar as interfaces existentes nas diferentes áreas das ciências humanas, da Teologia e de outros campos do saber, promovendo a integração teórico-prática; b) atuar em consonância com os princípios éticos de ação para a cidadania, considerando as questões contemporâneas sobre temas ligados aos direitos humanos, meio ambiente, educação étnico-racial, educação indígena e sustentabilidade; c) produzir conhecimento científico no campo da Teologia e na área das ciências humanas (BRASIL, 2016, § 8, art. 6, inc. I).

A interdisciplinaridade é posta em destaque, especialmente com as ciências humanas, dentro de uma dinâmica harmonização entre teoria e prática. É importante insistir que o processo "ensino-aprendizagem", em função de inserir-se no contexto de Ensino Superior, deve atentar às exigências da vida acadêmica que difere da vida escolar. A construção deste referido processo deve necessariamente acontecer de forma contextualização e atenta às profundas e rápidas mudanças epocais. O Concílio Vaticano II, na Constituição Pastoral "*Gaudium et Spes*" falar de observar atentamente aos "sinais dos tempos" (GS 4) e aos novos problemas (GS 62), de modo que as grandes verdades de fé são cada vez mais percebidas como imbuídas de um compromisso ético factível, humanizado, que brota da própria revelação cristã. Emergem desta ações

e mobilizações que promovem a cidadania e a inclusão efetiva de todos, assim como da sustentabilidade do progresso, no respeito ao cuidado com a natureza.

A produção científica é uma das marcas da competência e habilidade de um acadêmico. Ao longo da graduação, o acadêmico de Teologia deverá ter sido motivado e impelido nesta exercitação, na escrita de artigos e por fim de uma monografia onde expresse sua maturidade em desenvolver, com argumentação consistente e no respeito aos aspectos formais, o pensamento teológico adequadamente construído. E não só, mas é sugestivo que as Diretrizes requeiram um domínio razoável dos conhecimentos hauridos das ciências humanas. De fato, a matriz curricular de um curso de teologia, ao contar com essa parceria, dá a entender muito bem o valor de tal formação enquanto requisito necessário para uma compreensão mais apropriada da pessoa humana, grande destinatária da revelação divina e ser que interage com Deus na condição de interlocutora (CHAGAS; ASSUNÇÃO, 2021, p. 33).

Dentre as competências específicas, destaca-se o conhecimento da própria tradição religiosa, expressa nos textos, narrativas fundantes e no seu desenvolvimento histórico. O termo "tradição religiosa" nos remete ao específico da fé religiosa que é objeto de estudo da referente teologia, ou seja, a fé católica será, obviamente, estudada, pesquisada, por uma teologia também católica e assim, no caso das outras religiões. Note-se que as Diretrizes Curriculares Nacionais para cursos de Teologia não entram em detalhes ou especificidades de conteúdo, justamente em função dos diversos credos e das diversas teologias que lhe são respectivas.

Essa Tradição se enraíza no tempo e no espaço e é compilada dentro as tantas hermenêuticas que são as correntes teológicas. Conhecer essa realidade e seu dinamismo se faz mister para que se perscrute o núcleo central da Teologia, onde no âmbito católico propriamente dito, essa Tradição se liga umbilicalmente à Sagrada Escritura, além da preciosa contribuição dos Santos Padres ou Padres da Igreja. Há que se reconhecer sua evolução histórica onde a doutrina se desenvolve em âmbitos variados, tais como litúrgico, pastoral, canônico, catequético, evangelizador, missionário, ecumênico, dentre outros. São João

Paulo II, na encíclica *Pastores Dabo Vobis*, faz uma oportuna síntese:

Na sua reflexão amadurecida sobre a fé, a teologia move-se em duas direções. A primeira é a do estudo da Palavra de Deus: a palavra escrita nos Livros Santos, celebrada e vivida pela Tradição viva da Igreja, e interpretada com autoridade pelo seu Magistério. Daqui o estudo da Sagrada Escritura, [...], o estudo dos Padres da Igreja e da Liturgia, da História da Igreja e da doutrina do Magistério. A segunda direção é a do homem, interlocutor de Deus: o homem chamado a "crer", a "viver", a "comunicar" aos outros a fides e o *ethos* cristão. Daqui o estudo da dogmática, da teologia moral, da teologia espiritual, do direito canônico e da teologia pastoral (PDV 54).

Conforme Chagas e Assunção (2021), a competente utilização dos meios de interpretação das narrativas aguça o desenvolvimento do espírito científico e a capacidade de refletir perspectivando uma criticidade hábil em fazer bom uso dos conceitos teológicos, devidamente atentos ao contexto histórico e à facticidade do seu real existir. Para que esse elevado nível de cientificidade se efetue, ocorre haver uma articulação interdisciplinar pois, as dimensões da possibilidade de aplicação e de contextualização dos conhecimentos teológicos viabiliza e potencializa suas possibilidades de diálogo com a sociedade, mormente com as demais tradições religiosas.

Essas considerações nos conduzem à certeza: a teologia não se pode fechar em um ensimesmar-se autocentrado. A ética profissional do teólogo exige dele a habilidade e a capacidade de propor valores, princípios válidos de comportamento que qualificam o ser e existir do crente e, sem dúvida, também na perspectiva humanizadora.

A dimensão ética do teólogo o responsabiliza e engaja de forma participativa e criativa na construção da sociedade perspectivando torná-la mais justa e fraterna. Essa ação acontece em concomitância com a reflexão pessoal e, sobretudo, compartilhada com outros grupos, onde outras áreas do saber e outras religiões são parceiras e atuam conjuntamente visando a promoção da inclusão social e respeito à pessoa e aos direitos humanos.

3.2 O mercado de trabalho

Bartoli (1996, p. 93) assevera que "a característica própria da profissão do teólogo seja reconhecer publicamente e professar que sua visão do mundo e das pessoas é diferente, porque ele tenta ver o contexto globalmente e pensa com paradigmas e objetivos diferentes".

Clodovis Boff (2009, p. 132) informa que as "funções o teólogo profissional frente ao povo é servi-lo: refletindo por ele (função vicária), para ele (função de ensino) e sobretudo com ele (função pastoral)". Chagas e Assunção (2021) são do parecer que a profissionalização em geral tem um viés profundamente mercadológico, perspectivando dinamizar o desenvolvimento de metas que estão a requerer competências e habilidades que oportunizem ganhos financeiros consistentes. Em base a isso, se norteiam as diretrizes curriculares tanto para a formação escolar quanto universitária.

Ocorre frisar que, se as ciências humanas são chamadas em causa para humanizar e qualificar o saber, em seu complexo leque de áreas, especializações e eixos, os critérios de valorização dos conhecimentos são, não raramente, pautados pela utilidade, mormente com foco no lucro, deixando na sombra a Teologia. Esta possui algo valioso a contribuir. Por isso, há que se propor eventuais possibilidades enquanto profissionalização para o teólogo. Queiróz (1996, p. 90) assevera de forma sintética: "Não há dúvida de que o labor teológico já constitua um grande seguimento do mercado de trabalho mediante a docência, a assessoria, o aconselhamento, as publicações, as pesquisas". Para esclarecer mais detalhadamente este tema, sigo a proposta de Libanio e Murad os quais permitem visualizar um campo de trabalho para o teólogo:

Atuação remunerada na pastoral da Igreja local. O teólogo atua como presbítero, pastor, agente de pastoral, secretário executivo, coordenador de pastoral, exercendo as funções "ministeriais" de animação nos processos de evangelização. Professor(a) e pesquisador(a) em faculdades de teologia. Com o crescimento do número de alunos da graduação e as exigências decorrentes da oficialização de cursos livres ou seminarísticos, há demanda de docentes do curso de teologia. Professor(a) de cultura

religiosa em universidades confessionais e comunitárias. Várias instituições oferecem disciplinas ligadas à teologia nos cursos de graduação, com nomes diversos. Exige-se pós-graduação em teologia ou ciências da religião para exercer essa função. Professor(a) de ensino religioso em escola confessional. As instituições educativas confessionais de nível fundamental e médio proporcionam aulas ou atividades de ensino religioso ou introdução à fé cristã. Necessitam de profissionais com conhecimento, domínio de disciplina, didática e linguagem que cativem crianças e adolescentes. Atividade pastoral em escolas ou instituições de ensino superior. Trata-se aqui de colaborar efetivamente na evangelização, atuando junto a grupo de alunos, funcionários, educadores e, conforme o caso, famílias. Finalidade semelhante têm as chamadas "capelarias" nas universidades. Agente de pastoral da saúde em hospitais. Organizações de prestação de serviço de saúde, ligadas às Igrejas carecem de acompanhamento aos enfermos e profissionais. Há teólogos atuando neste âmbito. Funcionário(a)s de ONGs de finalidade social e ambiental. Um contingente razoável de pessoas formadas em teologia trabalha em iniciativas sociais, educativas e ambientais. O curso de teologia não as habilita especificamente para isso. Sua presença se deve muito mais à prática comunitária nas Igrejas, ao senso ético e à visão de mundo. São então estimuladas a fazer cursos de especialização na área específica em que atuam. Outras demandas profissionais. Em menor proporção, encontram-se ainda teólogos(as) trabalhando no mercado editorial, como vendedores especializados em livrarias e em equipes interdisciplinares de gestão de pessoas. Isso advém sobretudo de sua formação humanista, de caráter generalista" (LIBANIO; MURAD, 2014, p. 197-198).

Deduz-se, pela afirmação destes autores citados que o campo de ações é até portador de algumas possibilidades. Todavia, há que se ponderar o que assevera Anjos (1996, p.115): "Nas práticas desenvolvidas no Brasil, porém, a organização dos currículos, [...], é decididamente marcada pela formação presbiteral e são pouco conhecidas as experiências em direção ao laicato". Esse mesmo autor dá um passo a mais e inquire: Para que se estuda teologia? Este autor defende que essa análise, tendo por meta o ministério sacerdotal, está no bojo do estudo entre estudo e profissionalização. Uma questão de fundo se impõe bem claramente: o estudo da teologia tem em foco a formação dos futuros presbíteros e não de futuros teólogos.

Desses pressupostos, um elemento recente tem se imposto em uma questão que está a

perquirir um debate mais amplo: os leigos interessados em ser teólogos profissionais. Urge enfrentar realisticamente esta discussão.

3.3 O desafio dos "teólogos leigos"

A construção de uma proposta curricular do bacharelado de Teologia está associada ao

[...] conjunto de condições que viabilizam o estudo e a graduação em teologia predominantemente para seminaristas e padres. Por esta razão, logo se perceberá que as diretrizes e normas acadêmicas para o ciclo básico de teologia têm suas definições na formação presbiteral (ANJOS, 1996, p. 112).

Em vista disso, é preciso abordar a situação dos leigos e sua vocação à produção teológica. A finalidade por demais pastoral dos cursos de teologia, mormente na sua versão pastoral, mormente das atividades paroquiais, diminui o raio de possibilidades para uma profissionalização do teólogo leigo, ou mais precisamente, de uma eventual inserção profissional deste. Corroborava tal diagnóstico o fato mesmo de que as diretrizes curriculares para cursos de teologia focam a formação de futuros padres. Em relação a isso, não basta uma mera abertura a que leigos se tornem estudantes de teologia para inseri-los no campo teológico. O mercado de trabalho é por demais restrito para o teólogo leigo, o qual não tem como obter sustento atuando como catequista ou em outra atuação em comunidades eclesiais.

Retome-se o pensamento de Fabri dos Anjos. Em 2008 ele voltou ao tema do campo de atuação do teólogo que é "expor as percepções e as razões da fé através das quais se cultivam sentidos e valores na condução da vida individual e comunitária, social e ambiental" (ANJOS, 2008).

Quando se indaga sobre esse pluralismo da sociedade e se afirma a heterogeneidade sociocultural a ser levada em conta, a atuação "profissional" do clérigo está garantida por toda uma estrutura institucional que lhe dá o suporte financeiro necessário a uma vida digna. Ele pode até mesmo pensar a teologia dialogando com as tantas versões culturais, ideológicas, doutrinárias da sociedade. No que tange ao laicato, a situação é

bem diversa, como afirmam Chagas e Assunção (2021, p. 39):

[...] pensa-se a profissionalização da teologia enquanto reconhecimento de cursos e *curricula* frente ao MEC, mas não se pensa necessariamente que pode ser algo [...] desconectado da realidade: existe a emissão de um diploma com chancela governamental, mas sem garantias da efetividade profissional. Se um curso de teologia, na prática, reduz-se a um reconhecimento acadêmico para uma posterior atuação pastoral dos clérigos, bem poderia a Igreja e o seu quadro hierárquico viver sem a regulação do MEC. Cursos canônicos lhe bastariam.

Segundo Fabri dos Anjos (1996, p. 112), há fronteiras, por certo, entre o estudo eclesiástico da teologia e a formação presbiteral:

[Emergiram algumas críticas] de que o preparo pastoral dos presbíteros estaria excessivamente condicionado por preocupações teóricas. Mas, por outro lado, o distanciamento entre os dois aspectos também traria dificuldades operacionais, em especial quanto à organização adequada dos currículos, para atender à demanda de seus estudantes. É certo que habilitação acadêmica e preparo pastoral diferem, em parte, em seus objetivos e metodologias didáticas.

Anos depois, o mesmo autor retorna a esse tema, criticando a identificação da função de pastor com a de um teólogo nas confissões religiosas. Almeja-se, na vida do futuro teólogo, que ele atue "*ad intra*" no âmbito "intraeclesial", ou seja, dentro de sua Igreja local, de sua diocese.

Todavia, a evangelização, enquanto missão fundamental da Igreja, deve acontecer em vários âmbitos. Essa consideração foca diretamente a vida dos leigos, pois, como preconiza a Igreja, eles estariam impedidos e sem meios, isto é, sem a formação adequada para atuar "*ad extra*" no mundo do trabalho, da educação, da família, da política, da cultura, da economia. Em síntese: os leigos são chamados a se engajar em meio ao mundo para que, inseridos nele, possam cumprir sua missão de santificá-lo (AA 7; LG 31).

Um curso que tivesse um público-alvo diversificado comportaria um desafio considerável para uma construção curricular, didática, conteudista, dentre outros elementos que compõem a proposta de um curso. A esse respeito, Libanio e Murad

(2014, p. 198) comentam: "Isto representa um limite e um desafio atual para o âmbito interno da Igreja, mas parece não invalidar a enorme contribuição que advém de um programa de estudos academicamente sério e consistente". Queiróz (1996, p. 88) confirma: "É preciso 'desclericalizar' ou seja, fazer da teologia um múnus do povo de Deus e não uma exclusividade do clero".

Em um passado distante, no idos imediatamente pós-conciliares, José Comblin (1968, p. 38) já comentou a respeito, considerando a excepcionalidade de leigos virem a exercer a docência em cursos de Teologia "pois tal estudo e tal vida não correspondem à vocação própria dos leigos. É outra a sua vocação: a presença da Igreja no mundo, isto é, dentro das atividades temporais". Para embasar seu ponto de vista, o mesmo autor argumenta: "Para os leigos que precisam se preparar para uma profissão, não se pode pedir um curso que, com os anos de filosofia escolástica, duraria 8 a 10 anos. Desde logo a frequência aos cursos previstos para os sacerdotes é impossível" (COMBLIN, 1968, p. 31).

Parece que essa realidade mudou muito pouco. Não obstante essa situação, Comblin (1968, p. 31) defende ser mister "pensar na formação teológica dos que vivem nas atividades temporais e na possibilidade de dar a alguns a verdadeira capacidade de refletir como cristãos sobre sua vida e de explicitá-la". Sensível ao protagonismo do laicato que recebia as confirmações do Concílio, esse teólogo belga é do parecer de que o despreparo teológico dos leigos os faz viver inquietações reprimidas, as quais "permanecem em um estado implícito ou se expressam com um vocabulário vago ou confuso que não lhes merece atenção real dos sacerdotes" (COMBLIN, 1968, p. 32). Por isso, buscam se pronunciar através de assessores eclesiásticos. Comblin argumenta a importância da "formação de um laicato verdadeiramente livre [o qual supõe] a existência de leigos capazes de discutir com os sacerdotes sobre os conceitos apresentados [...]" (COMBLIN, 1968, p. 31).

Essa formação é condição de possibilidade para que os leigos emergem de sua passividade

para protagonizarem uma atuação mais consciente e embasada na Igreja. Ele acredita que algumas categorias de leigos deveriam se esmerar em ter esta formação, quais sejam "professores de universidades católicas ou estatais, dirigentes de associações neutras ou confessionais de trabalhadores, de cientistas, jornalistas, teóricos de partidos políticos, etc..." (COMBLIN, 1968, p. 32). Ademais, leve-se em consideração que aos leigos interessa as questões alusivas à inserção dos cristãos na civilização atual, bem mais que as questões de cunho jurídico e burocrático da Igreja. Todavia, ocorre frisar a importância de uma formação teológica para este laicato interessado em se capacitar para este mister pois o autodidatismo porta consigo alguns problemas, tais como a parcialidade na formação, falta de senso de proporcionalidade, entusiasmos superficiais, pouca perspectiva histórica, perda de tempo e banalidades (COMBLIN, 1968, p. 33).

Comblin tem uma perspectiva limitada por ser restritiva. Não é suficiente que haja leigos com formação teológica, ainda que seja necessário haver. O cardeal L.-J. Suenens, que foi um distinto Padre Conciliar, no Vaticano II, falou sobre a corresponsabilidade da Igreja, com inclusão destacada do laicato. Este purpurado, como nos atesta Comblin (1968, p. 38), defendeu a seguinte questão:

Mas, se todo fiel deve crescer na fé pela oração, pela leitura, e pelo estudo, há lugar no seio do Povo de Deus para uma categoria de fiéis, por demais rara entre nós, a categoria dos teólogos leigos. Nos primeiros tempos do cristianismo, teólogos leigos não formavam exceções. Chamavam-se Justino, Lactâncio, Dídimo, o Cego, Aristides de Atenas, para não falarmos dos grandes representantes da escola teológica de Alexandria e de tantos outros. Por que teria que clericalizar-se a teologia da Igreja latina, enquanto o leigo teólogo, ortodoxo ou reformado, ocupa de pleno direito as cátedras universitárias de teologia? Por que 'a pesquisa para melhor compreender a fé' – definição da teologia – se reservaria apenas aos clérigos? Os tesouros de vida que ela contém estão à disposição de todas as mãos que querem ou podem estender-se para eles.

A atuação dos leigos engajados é algo desejável, mas ocorre que tal atuação agregue valor na ação eclesial no exercício da pastoral, especial-

mente na interação dialógica com a sociedade atual, cujo fim é a evangelização eficaz. Para tal meta, ocorre primar pela formação teológica do laicato, assim como pela inclusão concreta no mercado de trabalho. Não é viável esperar uma suposta "gratuidade" do leigo, tendo em vista as necessidades de subsistência de homens e mulheres que deverão se manter, bem como manter sua família.

Se o que Comblin considerou nessa temática teve destaque naquele contexto histórico, mais ainda essa questão assumiu notória premência e relevância nos tempos hodiernos, com suas mudanças profundas e aceleradas.

Algumas questões práticas se impõem e interpelam análises atentas, realistas, focadas em soluções exequíveis. Chagas e Assunção (2021) detalham um pouco mais a realidade desta referida empregabilidade. Segundo esses autores, não há como certas cidades pequenas e médias terem Instituições de Ensino Superior ou Médio que ofereçam oportunidades de emprego. No caso de bacharéis em teologia católica, tal inserção se dá em colégios ou faculdades, centros universitários e universidades que sejam católicas. O mesmo se diga para os teólogos da reforma para Instituições de Ensino das mais várias denominações protestantes. No caso das escolas públicas, a inserção profissional eventualmente se dará através do Ensino Religioso, com suas peculiaridades não confessionais.

Os mesmos autores abordam também a questão do mercado editorial católico ou afins. Normalmente as editoras estão sediadas em grandes centros urbanos e, efetivamente, oferecem poucas oportunidades de emprego. Tenha-se em conta que a secularização galopante na sociedade contemporânea não dá meios para tantas chances de trabalho para um portador do diploma de graduado em teologia. Por razões variadas, as Instituições confessionais não só voltadas para a educação como também referentes à saúde, organizações não governamentais e editoras provavelmente preferirão empregar presbíteros e religiosos. Além disso, há que se defender a nitida distinção entre os leigos e clérigos, os

quais possuem oportunidades distintas. Afinal, os detentores destas Instituições aqui referidas ou são de Dioceses ou de Congregações ou Ordens Religiosas, as quais preferirão inserir seus membros, os quais possuem formação para este fim, além da prioridade em se inserir satisfatoriamente nas atividades referidas. Fica a questão, cuja solução parece remota: permanecer nessa "zona de conforto" tendo como foco o alunado composto de seminaristas e religiosos como destinatário principal, ou se busca uma proposta de curso mais aberta para o laicato, pensando em soluções mais ousadas e estruturais dentro da Igreja ou em instituições abertas à contribuição profissional de um teólogo leigo.

Considerações finais

Ao final deste artigo, percebeu-se que o teólogo foi, desde os albores da Igreja, um ministério, cujo mister pastoral era o ensino, com vistas ao um aprofundamento da fé dos membros da Comunidade Eclesial. Pouco a pouco, esse ministério passou a ser monopolizado pelo clero, fato que perdurou por vários séculos, até o Concílio Vaticano II, o qual abriu ao laicato a possibilidade de uma formação teológica, resgatando seu protagonismo.

A identidade do teólogo foi apresentada, focando seu ser e o seu fazer a partir de uma mística do acolhimento do Mistério de Deus que se revela, mormente no Verbo Encarnado, plenitude desta revelação. Tal espiritualidade tem a ver com um carisma voltado ao ensino, em cooperação, sem viver uma confusão de papéis com o Magistério Eclesiástico. O teólogo, na condição de servo da verdade, vive seu carisma adquirindo também as competências e habilidades inerentes ao intelectual, que é capaz de dar pareceres abalizados, realistas, sensatos, sob a inspiração da luz da fé que capta aos apelos de Deus nos sinais dos tempos, presentes em cada realidade.

Sua missão é ensinar, mas, a partir de uma investigação rigorosa, pautada por uma metodologia científica inerente à teologia, cujo fruto, além do ensino verbalizado em palestras, fóruns, conferências, aulas, *lives*, é o conhecimento hau-

rido na pesquisa que é perenizado em livros, artigos, tanto no âmbito impresso, quanto virtual. A realidade tem muito que indagar à fé, e esta tem um potencial inesgotável de iluminar a vida das pessoas. E o teólogo é quem deverá fazer essas conexões com a devida acuidade espiritual e técnica.

Por fim, a profissionalização é a seara de inserção do teólogo, onde suas peculiaridades em termos de potencialidades de ação se efetivam no campo de pesquisa, produção científica e atuação nos variados campos de ação, que envolve o mercado editorial, a docência ao nível superior e médio no campo do ensino religioso e das ciências da religião, além da teologia, as assessorias no campo da ética, de ongs, de empresas etc. Não obstante, um ponto em aberto é a profissionalização do teólogo leigo, tendo em vista o próprio sustento em um contexto mercadológico restritivo.

Este artigo permanece um ponto de partida e um contributo singelo com escopo de propor elementos constitutivos do teólogo, sua missão e questões abertas de complexa possibilidade de solução no que tange à inserção profissional condizente do teólogo, especialmente os leigos.

Siglas

AA: *Apostolicam Actuositatem*.

CTI: Comissão Teológica Internacional.

GS: *Gaudium et Spes*.

LG: *Lumen Gentium*.

DCN: Diretrizes Curriculares Nacionais.

IVT: Instrução sobre a Vocação Eclesial do Teólogo.

PDV: *Pastores dabo vobis*.

Referências

ANJOS, M. F. Ciclo básico em teologia: experiência católica no Brasil. In: ANJOS, M. F. (org.). *Teologia: Profissão*. São Paulo: Soter-Loyola, 1996. p. 111-122.

BARTOLI, J. Teologia e profissionalização: o teólogo como profissional. In: ANJOS, M. F. (org.). *Teologia: Profissão*. São Paulo: Soter-Loyola, 1996. p. 59-72.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. 9. ed. São Paulo: Paulus, 1985.

BOFF, C. *Teoria do Método Teológico*. Versão didática. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Diretrizes Curriculares Nacionais para cursos de graduação em Teologia e dá outras providências. Resolução n. 04, 16 de setembro de 2016. *Diário Oficial da União*: seção 1, Brasília, DF, n. 180, p. 9-10, 19 set. 2016.

CHAGAS, A. M. Teologia Católica na pós-modernidade e os desafios do relativismo. *Revista Expressão Católica*, [S. l.], v. 5, n. 1, p. 231-238, jul./dez. 2016.

CHAGAS, A. M.; ASSUNÇÃO, R. A. Ser teólogo no Brasil: identidade, profissionalização, mercado. In: SILVA, F. A. S.; PACHECO, M. L. (org.). *Filosofia, Teologia, Ensino e Discurso*: Perspectivas Porto Alegre: Editora Fi, 2021. p. 11-50.

CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. *Instrução sobre a Vocação Eclesial do Teólogo*. 6. ed. São Paulo: Paulinas, 1990.

COMBLIN, J. *Os sinais dos tempos e a evangelização*. Estudos de Teologia Pastoral I. São Paulo: Duas Cidades, 1968.

CONCÍLIO VATICANO II. Constituição Dogmática *Lumen Gentium* sobre a Igreja. In: VIER, F. (org.). *Compêndio do Vaticano II*. Constituições, Decretos, Declarações. 17. ed. Petrópolis: Vozes, 1984. p. 37-113.

CONCÍLIO VATICANO II. Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*. In: VIER, F. *Compêndio do Vaticano II*. Constituições, Decretos, Declarações. 17. ed. Petrópolis: Vozes, 1984. p. 141-256.

CONCÍLIO VATICANO II. Decreto *Apostolicam Actuositatem*. In: VIER, F. *Compêndio do Vaticano II*. Constituições, Decretos, Declarações. 17. ed. Petrópolis: Vozes, 1984. p. 527-564.

COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL *Teologia hoje*: Perspectivas, princípios e critérios. São Paulo: Paulinas, 2013.

FORTE, B. *A Teologia como companhia, memória e profecia*. Introdução ao sentido e ao método da teologia como história. São Paulo: Paulinas, 1991.

GALLI, V. Projeto de Lei 4293/2012: Dispõe sobre a regulamentação da profissão de teólogo, disponível em: https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?jsessionid=E708A9ADD91A-482541E567110DE1AC76.node1?codteor=1019592&file-name=Avulso+-PL+4293/2012. Acesso em: 18 ago. 2020.

INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS. A diferença entre pastor e teólogo. Uma reflexão sobre a profissionalização do teólogo. Entrevista especial com Márcio Fábri dos Anjos. [S. l.], 6 maio 2008. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/13760-a-diferenca-entre-pastor-e-teologo-uma-reflexao-sobre-a-profissionalizacao-do-teologo-entrevista-especial-com-marcio-fabri-dos-anjos>. Acesso em: 19 ago. 2020.

JOÃO PAULO II, PP. *Carta Encíclica Fides et Ratio*. 14 set.1998. São Paulo: Paulinas, 1998.

JOÃO PAULO II, PP. *Exortação apostólica pós-sinodal Pastores dabo Vobis*. 25 mar. 1992. Lisboa: Edições Paulistas, 1992.

LIBÂNIO, J. B.-MURAD, A. *Introdução à Teologia*. Perfil, Enfoques, Tarefas. 9. ed. São Paulo: Loyola, 2014.

MANNUCCI, V. *Bíblia, Palavra de Deus*. Curso de Introdução à Sagrada Escritura, São Paulo: Paulinas, 1985.

QUEIROZ, J. J. Caminhos de profissionalização da Teologia In: ANJOS, M. F. (ed.) *Teologia: Profissão*. São Paulo: Loyola-Soter, 1996. p. 87-94.

RAHNER, K. *Curso fundamental da fé*. Introdução ao conceito de cristianismo. 4. ed. São Paulo: Paulus, 2008.

RATZINGER, J. *Natureza e Missão da Teologia*. Petrópolis: Vozes, 2008.

SCHMAUS, M. *A fé da Igreja*. Vol. IV – A Igreja I. A Igreja, um mistério de fé. Petrópolis: Vozes, 1978.

SHELDRAKE, Philip. *Espiritualidade e teologia*. Vida cristã e fé trinitária. São Paulo: Paulinas, 2005.

WICKS, J. *Introdução ao Método Teológico*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2004.

ZILLES, U. O Magistério dos Bispos e o Magistério dos Doutores. *Teocomunicação*. Porto Alegre, v. 38, n. 160, p. 210-225, maio/ago. 2008.

Antonio Marcos Chagas

Doutor em Ciências da Educação pela Universidade do Minho (UMINHO), em Braga, Portugal e em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), no Rio de Janeiro-RJ, Brasil, em regime de cotutela. Pós-doutorado em Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), no Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Mestre em Ciências da Educação pela Universidade Pontifícia Salesiana (UPS), em Roma, Itália. Bacharel em Teologia na Faculdade Católica de Fortaleza (FCF), em Fortaleza, CE, Brasil. Bacharel em Ciências da Educação pela Universidade Pontifícia Salesiana (UPS). Professor dos cursos de Teologia e Filosofia no Centro Universitário Católica (Unicatólica), em Quixadá, CE, Brasil.

Endereço para correspondência

Antonio Marcos Chagas

Centro Universitário Católica de Quixadá

Rua Juvêncio Alves, 660

Centro, 63900-257

Quixadá, CE, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados pela SK Revisões Acadêmicas e submetidos para validação do autor antes da publicação.